

DIA INTERNACIONAL DA

MULHER RURAL

Força feminina no campo

O Dia Internacional da Mulher Rural é neste domingo. Com expressiva participação nas frentes de trabalho ligadas ao agronegócio, as mulheres confirmam seu protagonismo nas propriedades rurais, demonstrando liderança e capacitação.



ProfiGen estimula protagonismo com **Mulheres Girassol**

Programa de Responsabilidade Social beneficia todas as colaboradoras da empresa. Atividades acontecem há mais de dois anos

Todo o trabalho de pesquisa, produção e comercialização de sementes da ProfiGen do Brasil, com sede em Santa Cruz do Sul, acontece a partir da flor do tabaco. É um trabalho minucioso, quase artesanal, que exige atenção e delicadeza, motivo pelo qual esse processo na lavoura é desenvolvido em sua totalidade por mulheres. São 360 colaboradoras que atuam no campo. E foi justamente para evidenciar o papel central que as mulheres possuem no contexto corporativo e sua relevância no mundo dos negócios que surgiu o Mulheres Girassol, em meados de 2020. Originalmente iniciado como um projeto, teve um alcance tão positivo que foi expandido para um Programa de Responsabilidade Social da empresa.

De acordo com a sua idealizadora, a gerente de Recursos Humanos da ProfiGen e mestre em

Psicologia, Juliana Ávila, a ideia de realizar um trabalho voltado ao protagonismo e à força das mulheres surgiu a partir do seu projeto de Mestrado Profissional em Psicologia. “O foco eram mulheres em situação de vulnerabilidade social, inicialmente mulheres da comunidade, debater assuntos de relevância para as suas vidas e que pudessem lhes dar empoderamento e incentivo. Então, apresentei a proposta para a empresa, já que as colaboradoras são da nossa comunidade, e iniciamos as primeiras ações”, explicou. Nessa primeira etapa, 12 mulheres foram selecionadas para participar.

Ainda na fase de projeto, o Mulheres Girassol desenvolveu, além dos encontros mensais com palestras, oficinas de costura e culinária. “As oficinas foram realizadas com o intuito de qualificá-las e, assim, proporcionar uma renda alternativa quando estivessem fora da empresa, no período

da entressafra”, destacou. Outra ação foi com relação à valorização e autoestima dessas mulheres, ocasião em que as participantes receberam um dia de beleza, com sessão de fotos.

O retorno obtido, extremamente positivo na avaliação de Juliana, foi registrado em documentário que ela apresentou quando da conclusão de sua dissertação de Mestrado. “Percebemos uma movimentação positiva dessas mulheres em busca de carreira e em busca de informação. Muitas tinham dificuldades e não sabiam quais caminhos precisavam percorrer, por exemplo, para buscar políticas públicas ou então de como voltar a estudar”, acrescentou. Resumidamente, nessa primeira etapa se viu a importância do envolvimento da ProfiGen no projeto, que oportunizou informações, acesso a políticas públicas e oficinas de aprendizagem às colaboradoras envolvidas.

Fotos: Divulgação/GS



Registro de um dos encontros mensais, com a participação de parte das colaboradoras



A equipe de apoio que organiza o programa: Gabrielle Greiner, Jéssica Oliveira, Carla Brandt, Juliana Ávila, Eliane Beatriz, Daiane dos Santos e Elisete Wiebelling

Forças no “ELA”

A partir da expansão do Mulheres Girassol como Programa de Responsabilidade Social da ProfiGen, as ações seguiram alicerçadas em três pilares: Educação, Liderança e Autocuidado, que representam literalmente o “ELA”.

Juliana Ávila informa que o pilar da Educação consiste em dar suporte para as mulheres retomarem seus estudos, desde o Ensino Fundamental até a graduação. Já o pilar da Liderança tem o intuito de incentivar as mulheres

a serem protagonistas de suas vidas, dentro e fora da empresa, o que se evidencia durante as palestras mensais com abordagem de assuntos ligados a essa temática.

Por fim, o pilar do Autocuidado, também entendido por Autorrespeito e Autoamor, que busca fazer com que elas se reconheçam e se valorizem. “Estimulamos a valorização e a empatia também entre as mulheres, para que elas percebam a importância de se protegerem e se

ajudarem”, enfatizou Juliana.

Atualmente, o Mulheres Girassol mantém encontros mensais com palestras. O mais recente ocorreu na última quarta, na sede da ProfiGen, com o tema “Não tenho tempo para nada”. O assunto foi debatido por Juliana e abordou a necessidade de as mulheres fazerem o movimento de voltar o olhar para si, como forma de cuidado e amor. Os temas discutidos são sugeridos pelas participantes, e os en-

contros eventualmente contam com a participação de profissionais convidados.

Na avaliação da sua idealizadora, o Mulheres Girassol está cumprindo, como diz a própria lenda da sua flor temática, a representação de força, luz, altivez e resiliência. “Estamos conseguindo dar voz, acolhimento e protagonismo às mulheres que desempenham múltiplos papéis, não só na esfera profissional como na pessoal”, concluiu.



QUE A VIDA DAS MULHERES SEJA COMO UM GIRASSOL: florescendo em direção à luz.

Hoje e sempre, desejamos que todas as mulheres do campo possam desfrutar de uma vida digna, com respeito e igualdade de gênero.

WWW.PROFIVEN.COM.BR



sobe.de

Clarice Kopytowski Schlucubier - produtora JTI
em Itaiópolis, SC



*Eu valorizo o meu papel
na agricultura*

NÓS TAMBÉM.

A mulher rural não é apenas parte, mas a própria essência da agricultura familiar.

Com determinação e paixão, ela tem o poder de liderar a jornada rumo a um futuro mais forte e próspero. Por isso, a JTI reconhece e celebra o trabalho dessas mulheres que empoderam outras.

Parabéns, mulher rural! O seu papel na agricultura é fundamental.

15 DE OUTUBRO – DIA INTERNACIONAL DA MULHER RURAL

JTI Brasil | www.jti.com/brasil

Luta por reconhecimento e **igualdade**

Ainda que tenham obtido muitas vitórias em suas lutas, as mulheres rurais apresentam várias pautas e reivindicações para elas e para suas famílias

Saete dos Passos Faber

Coordenadora de Mulheres da Regional Sindical Vale do Rio Pardo e Baixo Jacuí, filiada à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetag-RS)

O Dia Internacional da Mulher Rural é comemorado todos os anos no dia 15 de outubro e tem como objetivo destacar a atuação e a situação das mulheres das áreas rurais. Diante da importância da data e do protagonismo feminino no meio rural, cabe realizar algumas reflexões sobre essa importante categoria de trabalhadoras.

O trabalho das mulheres trabalhadoras rurais passa muitas vezes despercebido por toda a sociedade, pelo fato de elas exercerem suas atividades em suas próprias propriedades. E ali são produtoras, gestoras, mães e tantas outras atividades que exercem com maestria.

O que seria de toda a sociedade sem o trabalho árduo destas mulheres? Faça sol ou chuva, lá estão elas, cultivando tabaco, ordenhando as vacas de leite, produzindo os mais variados tipos de alimentos que são consumidos por toda a sociedade. Trabalho que é responsável pela fonte de renda para sua família. As mulheres trabalhadoras rurais não têm salário fixo ao final do mês. Toda a renda familiar depende diretamente de seu



Fotos: Divulgação/GS

Saete dos Passos Faber: protagonismo

trabalho e das questões climáticas; é da terra que brota o seu sustento.

Muitos avanços tivemos para que a profissão de trabalhadora rural fosse reconhecida como qualquer outra profissão. O primeiro veio através da Constituição Federal, o direito à Aposentadoria da Mulher Trabalhadora Rural; na década de 90, o direito ao salário-maternidade, e nas políticas de créditos do Pronaf Financiamento voltado para a produção rural, tais como aquisição de implementos agrícolas, implementação de agroindústrias familiares e custeio, linha esta de recursos voltados para a produção de alimentos.

Nesta constante luta por reconhecimento e por espaços igualitários, as mulheres rurais participam



Comitiva de mulheres rurais da região participou da Marcha das Margaridas, em Brasília

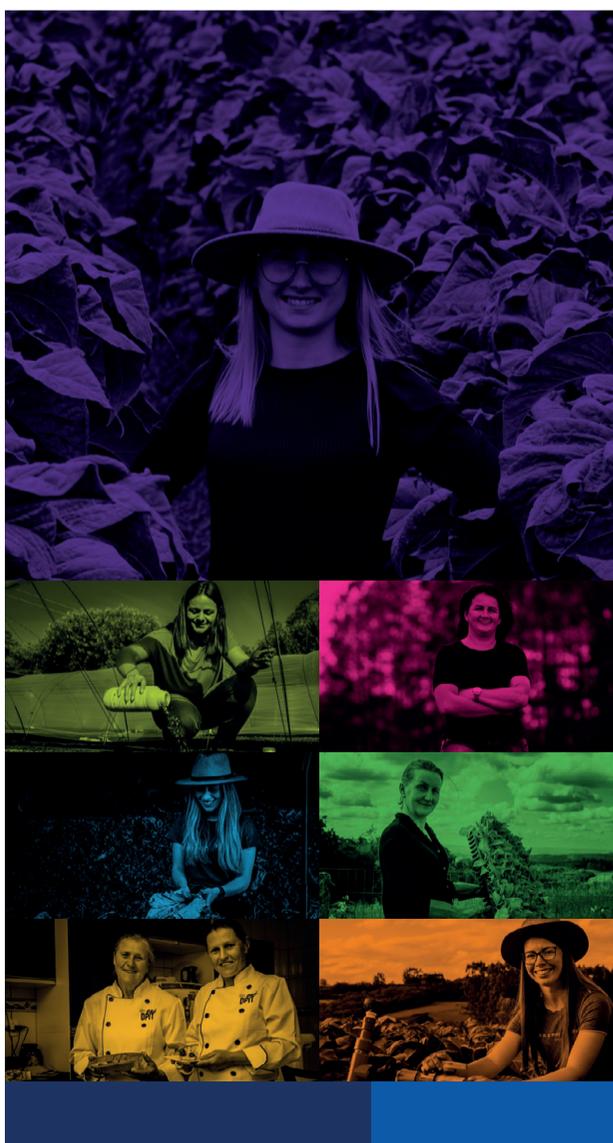
de outras atividades, além das suas propriedades. Elas são presidentes de Grupos de Mulheres, de Círculos de Pais e Mestres, de Diretorias de Igrejas, de Sociedade de Damas, da Comissão Municipal de Mulheres Trabalhadoras Rurais. E se fazem presentes em mobilizações, Encontro Regional de Trabalhadoras Rurais (8 de março), Marcha das Margaridas, entre tantas outras atividades que venham no intuito de melhorar a qualidade de vida da sua família e de sua comunidade.

Nos dias 15 e 16 de agosto deste ano, participamos do maior evento de mobilização e de reconhecimento das mulheres rurais: a 7ª Marcha das Margaridas, em Brasília, evento que reuniu 150 mil mulheres de todo o Brasil e de outros países. Fomos a Brasília levar a pauta, as reivindicações e anseios de todas as mulheres, rurais e urbanas, no que tange a mais recursos e investimentos em políticas públicas, tais como saúde, habitação rural, violência doméstica, educação do campo, previdência social, manutenção da aposentadoria das mu-

heres rurais aos 55 anos, preservação da natureza, ambiental e climática, acesso à internet e inclusão digital, agroecologia e segurança alimentar, mais recursos para as linhas de Pronaf Investimento e custeio, entre outras.

De todas essas atividades as mulheres participam e as exercem com maestria, pois em suas pautas e reivindicações elas pensam em todas as pessoas, seja homem, mulher, criança, adolescente, idoso, do meio rural e/ou urbano. Que possamos caminhar a passos largos por mais reconhecimento para essas mulheres, pois são responsáveis, junto de suas famílias, por apresentar a pujança da agricultura familiar e impulsionar e contribuir para o desenvolvimento regional dos municípios do Vale do Rio Pardo.

Por fim, que possamos cada vez mais reconhecer a importância do trabalho das mulheres trabalhadoras rurais. Elas exercem uma das mais nobres profissões, pois é das mãos calejadas dessas mulheres que vem o alimento do nosso dia a dia.



VALORIZAMOS A PRESENÇA DA MULHER NO CAMPO.

A BAT Brasil se orgulha das mulheres empoderadas que diariamente fazem a diferença nas propriedades.

15.10 - Dia Internacional da Mulher Rural



Mais um registro do grupo que esteve na Marcha realizada na capital federal



Em encontros estaduais e nacionais, pautas das mulheres rurais são postas em evidência

Bárbara, produtora “Agrotop” da CTA

Moradora da comunidade São José, em Linha Travessa, interior de Venâncio Aires, é tida como exemplo de trabalho e dedicação

Quando Bárbara Fernanda Simon Becker, de 39 anos, e o marido Idor Becker, 44 anos, assumiram a propriedade de 12 hectares que pertencia aos pais dele, estavam decididos a trabalhar para melhorar as condições de vida. Com seus dois filhos, Mônica e Moisés, com 17 e 8 anos, respectivamente, eles vivem na comunidade São José, em Linha Travessa, no interior de Venâncio Aires. A área, localizada a cerca de 7 quilômetros da cidade, tem oito hectares ocupados com tabaco e demais culturas de subsistência. O restante é de campo e mata nativa.

O casal, que tem no cultivo de fumo sua principal fonte de renda e se

destaca por sua dedicação à lavoura, foi selecionado para integrar o projeto Agrotop, da CTA-Continental Tobaccos Alliance, de Venâncio Aires. A iniciativa incentiva as boas práticas agronômicas, ambientais e sociais e incrementa a rentabilidade das propriedades rurais.

Segundo o coordenador do projeto, o supervisor de Pesquisa e Sustentabilidade Agrícola da CTA, Edson Menezes, são escolhidos produtores integrados à empresa e que se mostrem interessados em melhorar suas propriedades. Entre as ações viabilizadas pelo Agrotop, ele cita a conservação e proteção da água e do solo, melhoria da potabilidade da água, do saneamento e higiene, a autossuficiência energética, melhoria e organização da infraestrutura da propriedade, em conformidade com a lei, e a sucessão rural.

Na propriedade de Bárbara e Idor, os benefícios proporcionados pelo Agrotop vão além da organização. Eles foram orientados a plantar árvores frutíferas e implantar uma cisterna para captação da água da chuva que vai favorecer a armazenagem

Edson Menezes/Divulgação/CS



Bárbara, em meio à lavoura de tabaco, principal fonte de renda da propriedade

Gosto pelo que faz

Bárbara se dedica ao trabalho na lavoura desde o casamento, há 20 anos. Embora exaustivo em alguns momentos, ela garante que não se vê fazendo outra coisa. “É um trabalho livre, a gente faz as coisas como quer”, afirma. Ela considera que ter uma data como o Dia Internacional da Mulher Rural é importante para o reconhecimento do trabalho diário. “Muitas vezes, a gente nem é vista. Já acordamos com boné na cabeça e nem sempre estamos bem vestidas, mas nosso trabalho é esse.”

de água – para fornecer aos animais e irrigar a horta, por exemplo – e têm assistência constante da CTA. Na atual safra, o casal vai cultivar 30 mil pés de tabaco, cuja colheita deve iniciar na próxima semana.

De igual para igual com o marido, Bárbara está à frente do trabalho na lavoura e ainda produz bolachas, pães, cucas e queijo. Ela cui-

da da produção de leite, ovos e verduras e das criações de animais. “O que tiver no meu alcance eu faço. Nós temos tudo aqui, não precisamos comprar quase nada. Eu gosto de fazer as coisas para a família e os filhos pedem. Aproveito o que tem na propriedade”, diz, observando que eventualmente costuma vender o excedente.



A atuação feminina na agricultura nos inspira a continuar buscando um futuro mais igualitário.



A Simone Beatriz Baierle Rabuske é um exemplo de como a história das mulheres do campo pode ser escrita com coragem e amor. Para a CTA-Continental, é uma satisfação enorme trabalhar ao lado dela e de tantas mulheres que fazem a diferença na produção agrícola.

15 de outubro
Dia da Mulher Rural



PESSOAS
NOS INSPIRAM

sobe.ce

Trabalhadora, mãe e dona de casa

Levantamento indica o acúmulo de atividades e o alto grau de importância da mulher rural na tomada de decisões

Uma figura com múltiplas funções e que acumula responsabilidades que envolvem as atividades no campo, casa e cuidados com os filhos e idosos. Assim pode ser definido o perfil da mulher rural no Rio Grande do Sul. Em proporções muito superiores às tarefas masculinas, as demandas das mulheres rurais e sua participação no cotidiano familiar foram retratadas em um dos mais completos trabalhos desenvolvidos no Estado. Trata-se do relatório técnico "Perfil das Mulheres Rurais do RS", do Departamento de Economia e Estatística, vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (DEE/SPGG), em parceria com a Emater/Ascar e a Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (SEAPDR).

O trabalho foi realizado pela Emater, que presta serviço de assistência técnica e extensão rural para o Estado. Ao todo, foram entrevistadas 5.103 mulheres de 461 municípios gaúchos entre 16 de novembro de 2021 e 24 de janeiro de 2022. O questionário contava com cerca de 250 questões sobre a vida da mulher e da pessoa com quem divide as atividades do cotidiano.



Atuantes em diversas frentes: pesquisa confirma realidade vivida pelas mulheres rurais no Rio Grande do Sul

A palavra é delas

Um aspecto evidenciado no levantamento é a tomada de decisões. A análise dos resultados mostrou que a participação das mulheres tem relevância, sobretudo, em assuntos domésticos. Nesse contexto, o papel delas é relevante nos assuntos domésticos (97%). Nos quesitos ligados à produção, a figura feminina tem envolvimento em 80% das tomadas de decisão. Quando o tema é o de investimentos nas atividades produtivas, como compras de ferramentas e utensílios, as mulheres se envolvem em 50% das demandas relacionadas.

A participação em atividades promovidas pela Emater é maior entre as mulheres do que entre os homens (91% a 68%), assim como em ações religiosas (91% a 77%) e em promoções da comunidade em geral (86% a 75%). Nesta última, o destaque fica por conta da baixa participação dos filhos nas atividades comunitárias (27%). Em espaços como sindicatos e cooperativas, mulheres e homens participam de forma paritária (50% a 49%), com similaridade nas associações (39% a 35%) e em baixa representatividade junto a movimentos sociais (8% a 7%).

O resultado do trabalho, assinado pelas pesquisadoras Daiane Menezes, do DEE/SPGG, e extensionista rural Clarice Emmel Bock, da Emater/Ascar, inclui ainda aspectos relacionados à violência, participação em espaços sociais e dificuldades enfrentadas com a Covid-19 e representação política.

A amostra selecionada na Pesquisa de Campo da Emater buscou seguir as indicações dos dados oficiais divulgados em relatório técnico do DEE/SPGG de novembro de 2021. Apontou mulheres moradoras de propriedades da agricultura familiar (86% do total), com um perfil etário de 50 anos ou mais (53%), Ensi-

no Fundamental incompleto como escolaridade predominante (45%), majoritariamente brancas (88%) e casadas (73%). Em relação a trabalho e aposentadoria, 37% já estão aposentadas, 36% possuem carteira de habilitação e 43% contam com renda familiar que varia entre dois e cinco salários mínimos.

Diferenças a serem superadas

As diferenças entre o papel feminino e masculino nos diversos ambientes sociais se tornam ainda mais evidentes quando se analisam dados relacionados às tarefas desempenhadas pelas mulheres rurais. É isso que indicou o levantamento da Emater.

No dia a dia, por exemplo, elas são as responsáveis mais frequentes por fazer o café da manhã (82%), almoço (90%) e jantar (85%). O cuidado com a louça é feito regularmente pelas mulheres (87%), assim como a limpeza da casa – 89%, contra apenas 4% dos homens que dis-

seram realizar a tarefa com regularidade, 8% dos filhos homens e 22% das filhas mulheres. Os percentuais são similares no cuidado com as roupas, em que há regularidade de 93% para mulheres ante 4% dos homens.

Da mesma forma, o cuidado com as crianças é atribuição de 56% das entrevistadas. Além disso, as mães se envolvem em 62% das atividades escolares ante 17% dos homens. Elas ainda figuram como responsáveis por 64% dos cuidados de animais domésticos e 57% da atenção aos idosos da residência.

Tarefas assumidas

A conservação e consertos na casa são tarefas assumidas com maior regularidade por homens, 72%; contra 17% das mulheres que disseram realizar o trabalho com frequência, 16% dos filhos homens e 2% das filhas mulheres. Atividades externas, como saídas para pagamentos de contas, são feitas de forma paritária, aponta o relatório, com 56% de respostas regulares para homens e mulheres sobre a ação. Quando a atividade externa é a de compras no supermercado (79%) e compra de roupas (84%), no entanto, as mulheres continuam sendo as mais frequentes.

Perfil

INTERNET

A maior parte das entrevistadas disse já ter utilizado a internet ao menos uma vez (88%). Das que usam a tecnologia, 97% utilizam para trocar mensagens instantâneas, 93% para conversar por chamada de vídeo e de voz, 89% para redes sociais e 79% para buscar informações e serviços de saúde. Em relação às compras, 16% das entrevistadas disseram que passaram a fazer também pela rede e 32% afirmaram ter intensificado o comportamento. Quanto às vendas, 16% começaram a utilizar o meio e 26% intensificaram o processo.

VIOLÊNCIA

Dados da pesquisa mostram que as entrevistadas consideram ações como tapas e empurrões atos de violência (98%), enquanto 91% indicam ser ato violento qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. Sobre frases comuns de serem ouvidas relacionadas à violência contra a mulher, 30% das entrevistadas concordam que "Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher", enquanto 2% concordam com a frase "Mulher que apanha é porque merece".

MAIS ESPAÇO

Entre as demandas das participantes, 50% responderam que almejam mudanças nos espaços de trabalho, nos estudos, na família, na comunidade ou na política. A esfera política é a principal esfera em que as ouvidas na pesquisa almejam maior participação, resposta ouvida em 43% dos casos.

SAÚDE

Mais da metade das entrevistadas disseram ter algum problema de saúde, sendo a hipertensão o mais comum deles (30% das que afirmaram ter algo). Problema de coluna (20%), problema de visão (15%) e depressão (13%) estão na sequência da lista. (Fonte: Perfil das Mulheres Rurais do RS)

Força Feminina em Campo reúne agricultoras da JTI

Evento voltado às produtoras integradas à empresa fomenta discussões sobre temas como sustentabilidade, autocuidado e respeito à vida

Para comemorar o Dia Internacional da Mulher Rural, a Japan Tobacco International (JTI) incentiva e estimula o debate sobre sustentabilidade, autocuidado e respeito à vida com a iniciativa Força Feminina em Campo. O evento acontece ao longo de outubro e reúne produtoras integradas à empresa na região Sul do Brasil. Nesta edição, os encontros do Rio Grande do Sul ocorreram em Jaguari e São Lourenço do Sul, nos dias 3 e 5. No Paraná, em Irati, será realizado na terça-feira, 17; e em Santa Catarina, no município de Santa Terezinha, na quinta, 19, encerrando o ciclo.

A expectativa é reunir mais de 600 mulheres para discutir assuntos relacionados ao tema central, que é “Respeitar e Cuidar da Vida”. Os debates visam valorizar a mulher rural e ressaltar a importância do papel que ela desempenha na agricultura e no núcleo familiar. “Desde 2017, a JTI realiza o Força Feminina em Campo e já confraternizamos com cerca de 3 mil participantes. A iniciativa tem como objetivo proporcionar um momento de escuta, de debate sobre desafios e oportunidades, troca de conhecimento, opiniões e experiências, além de entretenimento”, explica a supervisora de Projetos Sociais da JTI, Marinês Kittel.

O Força Feminina no Campo tem

palestras, oficinas, teatro e estandes interativos com diversas atrações, especialmente pensadas para as produtoras rurais, que poderão aproveitar os espaços dinâmicos para aprender mais sobre direitos humanos, saúde e bem-estar, uso de EPIs, importância dos estudos no combate ao trabalho infantil e empreendedorismo. No palco, duas palestrantes. A primeira, Sônia Nascimento, especialista em Inteligência Emocional, abordará questões como autoestima feminina e o poder do autoconhecimento para impulsionar carreiras, em sua palestra intitulada “A bagagem da vida”.

Em seguida, a agricultora, bióloga e produtora de tabaco da JTI, Daiane Padilha Oliveira Haas, falará sobre “Sustentabilidade e a Mulher no Campo”. Daiane é bióloga pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e atua como produtora integrada à JTI no plantio de tabaco. Idealizadora do projeto “Plantando Educação e Sustentabilidade no Campo”, que promove aulas práticas em contraturno escolar para aproximadamente 106 alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas municipais, contou com o apoio financeiro da JTI para viabilizar a iniciativa. O evento conta ainda com a parceria do Senar, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Natura e Prefeitura.

Sobre a JTI

A Japan Tobacco International (JTI) é uma empresa internacional líder em tabaco e cigarro eletrônico, com operações em mais de 130 países. É proprietária de Winston, segunda marca mais vendida do mundo, e de Camel. Outras marcas globais são Mevius e LD. Também é um dos principais players no mercado internacional de cigarro eletrônico e tabaco aquecido com as marcas Logic e Ploom. Com sede em Genebra, na Suíça, emprega mais de 40 mil pessoas e foi premiada com o Global Top Employer por oito anos consecutivos.

No Brasil, são mais de 1,2 mil colaboradores em nove estados. A operação contempla a produção de tabaco – com mais de 11 mil produtores integrados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná – compra, processamento e exportação de tabaco, fabricação, venda e distribuição de cigarros em mais de 20 estados.

É Top Employer Brasil desde 2018 e, em 2022, ficou em #1 no ranking nacional, repetindo a conquista em 2023. Neste mesmo ano, conquistou a certificação Great Place to Work (GPTW), consolidando-se como uma das melhores empresas para se trabalhar no Brasil. A JTI acredita na liberdade de escolha de seus consumidores. Por isso, disponibiliza amplamente informações sobre as consequências do tabagismo.



Em São Lourenço do Sul, evento foi realizado no começo deste mês



Em Jaguari, as trabalhadoras rurais também foram contempladas com o encontro



*Nossa homenagem
a todas as
guerreiras
do campo!*

**15 de Outubro
Dia da Mulher Rural**



**AGRO COMERCIAL
KIST & HEEMANN**
COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Santa Cruz (Matriz): Rua Sen. Pinheiro Machado, 1133 Fones: 3711-3434 | 3713-3213 e-mail: agrokist@agrokist.com.br

Vera Cruz (Filial): RSC 287 km 109 Fones: 3718-3869 | 3718-3857 e-mail: veracruz@agrokist.com.br

Conhecimento pleno de **causa**

Albus Produtora/Banco de Imagens/GS



Liderança: Mara Helena Saalfeld nasceu e cresceu no meio rural, em São Lourenço do Sul, e atualmente é presidente da Emater/RS

Mara Helena Saalfeld nasceu e cresceu no meio rural e depois fez carreira na Emater, já ao longo de 41 anos, até chegar à presidência dessa empresa

Se há alguém, em realidade de Rio Grande do Sul, que tenha pleno conhecimento de causa da realidade vivenciada pelas mulheres rurais, de suas lutas e conquistas e da legitimidade e importância de suas demandas, é a presidente da Emater/RS, Mara Helena Saalfeld. Depois de 41 anos de atuação ininterrupta junto a essa empresa, que responde pela assistência técnica e pela extensão rural no Rio Grande do Sul, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) e também à Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi), ela hoje está à frente da Diretoria Executiva, cuidando de todos os trabalhos, inclusive os que se voltam aos interesses específicos das mulheres, junto a suas famílias.

Mara é, além de uma mulher rural, veterinária que atuou na extensão rural na empresa. É a primeira mulher, a primeira extensionista e a primeira veterinária a ocupar o cargo máximo na Emater/RS. Só essa trajetória já sinaliza para a dimensão e a importância da missão que hoje desempenha, e do que isso representa justamente para as mulheres rurais no dia internacional a elas dedicado.

Com as suas vivências de mais de quatro décadas no universo da assistência técnica e da extensão rural, Mara consegue avaliar com clareza e pertinência a realidade que as mulheres enfrentam no meio rural. É uma situação de muito mais empoderamento, de muito mais visibilidade e reconhecimento do que há algumas décadas. Não por acaso, isso se traduz no gradual e maior interesse com que as jovens de localidades do meio rural miram a formação voltada às atividades agrícolas e pecuárias, e a possibilidade de atuarem ao lado de suas famílias no campo.

A presidente da Emater/RS menciona o fato de atualmente muitas mulheres estarem à frente de empreendimentos de agroindustrialização, de transformação de hortigranjeiros, frutas ou proteínas. E ressalta, em entrevista à **Gazeta do Sul**, que a mulher nunca foi ou é uma auxiliar ou uma ajudante do homem no campo. Conforme Mara, ela atua palmo a palmo, como protagonista, ao lado do marido e dos filhos, nas atividades rurais. Não raro, desempenha duas ou três tarefas essenciais e simultâneas, atuando no empreendimento principal da família e ainda cuidando do lar e dos filhos. E é essa personagem que precisa ser iluminada e respeitada por toda a sociedade.

Quantas são?

A presidente da Emater/RS, Mara Helena Saalfeld, lembra que o Rio Grande do Sul possui cerca de 204 mil propriedades rurais classificadas como de agricultura familiar. Isso representa um contingente de 1,8 milhão de pessoas, e uma grande parcela delas é composta por mulheres rurais. O relatório técnico "Desigualdades de gênero dos ocupados com atividades ligadas à agricultura no RS", desenvolvido pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE), vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, mostrou que 59% das mulheres com atividades ligadas ao campo tinham 55 anos ou mais, sendo 30% entre 55 e 64 anos, 21% de 65 a 74 anos e 8% com mais de 75 anos. Considerando o total de mulheres no Estado, o percentual de pessoas acima dos 55 anos é de 36%.

EXPEDIENTE

- **Edição:** Cláudia Priebe
✉ claudia.priebe@gazetadosul.com.br
- **Textos:** Cláudia Priebe, Dejair Machado e Romar Rudolfo Beling
- **Diagramação:** Rodrigo Sperb
- **Arte-final:** Rosani Moller Klunk
- **Revisão:** Luís Fernando Ferreira

Mara Helena Saalfeld Presidente da Emater/RS

ENTREVISTA

Gazeta do Sul – Nascestes e crescestes no meio rural. O que a motivou a fazer Medicina Veterinária?

Eu sempre ajudei meus pais na lida, em São Lourenço do Sul, na criação de suínos. Quando eu era adolescente houve um surto de peste suína clássica, e foi um técnico da Emater que nos deu orientações e nos apoiou. Eu enxerguei aquilo e pensei: eu quero fazer isso, eu quero ajudar pessoas. Quando fui escolher a profissão, em 1976, era um absurdo mulher querer fazer veterinária, um parente inclusive disse: mas tu vais morrer de fome! Mas fiz sim vestibular para Veterinária, e foi por causa da experiência que tinha de trabalhar com meu pai, nas culturas que mantínhamos na propriedade. E acabei nessa área. Por fim, realizei o sonho de entrar para a Emater, onde estou já há 41 anos.

Que atividades ou funções exerceste na empresa?

Comecei como extensionista de campo, depois fui chefe do escritório municipal de Pelotas e coordenadora do Centro de Treinamento da Emater, em Canguçu. E esse ano tive a felicidade de ser convidada pelo governador Eduardo Leite para presidir a Emater/RS. Queriam alguém com formação técnica. É um baita desafio, mas eu disse: vou junto, vou com vocês! Sou efetivamente a primeira mulher convidada para esse cargo, a primeira extensionista e a primeira veterinária.

És, portanto, uma mulher do meio rural nessa função...

Sim, eu fui uma jovem rural que participei dos grupos da Emater quando era adolescente. Conheci o trabalho da Emater/RS dessa forma. A Emater sempre teve essa preocupação com a extensão rural, a assistência rural social. Quem faz esse trabalho no meio rural, de alcançar políticas públicas, de trabalhar com as mulheres, é a Emater. A assistência social que tem na cidade, através de CADÚnico, a série de benefícios que as mulheres urbanas têm, não chega no meio rural pela assistência social. Chega pela Emater.

E há ainda os trabalhos de formação, não é mesmo?

Temos sete Centros de Treinamento (CTs) e neles há cursos inclusive de empreendedorismo para mulheres. Eu tive a felicidade de fazer o encerramento de um, em Montenegro. Mas nós trabalhamos com cursos de empreendedorismo para jovens onde a metade dos participantes são mulheres, e de empreendedorismo para mulheres. Antigamente se tinha a ideia de que o trabalho da Emater com mulheres era ensinar tricô, crochê, pintar panos de prato. Nunca foi isso. O trabalho dos extensionistas, junto à mu-

lher rural, foi o de usar como ferramenta o curso na localidade e reunir as mulheres para falar sobre políticas públicas, saúde, previdência. Pois o agricultor nem sempre tem a informação de como faz para se aposentar. Nosso trabalho sempre foi nesse sentido.

Hoje temos um trabalho gigantesco na agroindustrialização de produtos primários da agricultura familiar, e uma grande parte dos empreendimentos é de mulheres do meio rural. Não só da agricultura e da pecuária familiar, mas também dos povos originários, aos quais a Emater presta assistência; são os indígenas, os assentados da reforma agrária, os pescadores, os quilombolas. Esse trabalho todo é feito pela Emater/RS.

A percepção da sociedade sobre a importância do trabalho da mulher rural mudou?

Mudou bastante. Porque a mulher, não só no meio rural como na cidade, sempre foi considerada a que ajuda o homem. A mulher nunca ajudou ninguém, ela é trabalhadora como qualquer outro cidadão. E no meio rural a mulher sempre teve dupla ou tripla atividade: ela faz todo o trabalho da casa, cuida dos filhos, e ainda vai fazer a lida na atividade. Principalmente no gado leiteiro, onde eu trabalhei a vida inteira, eu era assistente técnica regional de sistemas de produção animal e sempre trabalhei muito com gado leiteiro. Quem faz a lida da ordenha, quem faz o trato do terneiro sempre foi a mulher. Então, as pessoas tinham o hábito de dizer que a mulher ajuda o homem. Não, ela trabalha com o homem, ela é fundamental dentro da propriedade rural, e precisa ser muito valorizada.

Financeiramente, ela já tem maior autonomia?

Vejo um progresso muito grande nisso, principalmente pelo crédito. A Emater/RS trabalha com o crédito, o Pronaf, e uma série de políticas públicas, e que hoje vêm especificamente para mulheres e para jovens. E a mulher tem se empoderado nesse sentido. Muitos projetos são feitos nos nomes das mulheres, porque antes ela não tinha o Bloco de Produtor modelo 4; era modelo 15, era tirado no nome do homem. Ela tinha dificuldade para se aposentar, porque... como ia comprovar? Hoje, o modelo 4 é em nome dos dois, e o próprio Cadastro Ambiental Rural (CAR) hoje é feito no nome do casal. E assim uma série de documentos. O homem não consegue fazer um financiamento se a mulher não der aval, se não tiver a assinatura junto. A mesma coisa a mulher: para pegar um crédito também, tem de ter a assinatura do marido junto; se for casada, no caso. Mas a passos lentos, talvez, há um progresso bem grande em relação a isso.